OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

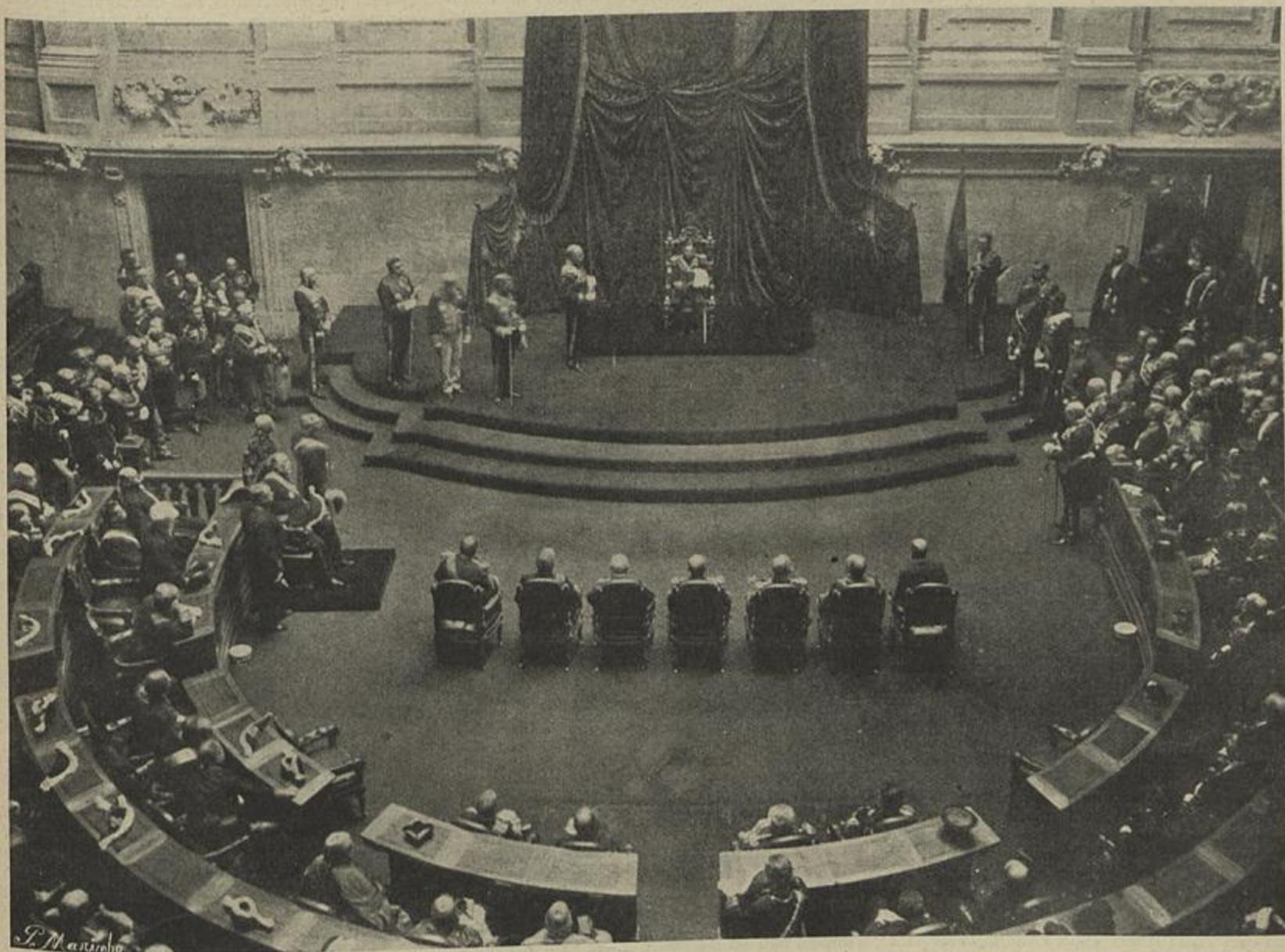
Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India................	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1057

10 de Maio de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

A abertura do Parlamento Português

LEITURA DO DISCURSO DA CORÔA POR S. M. EL-REI D. MANUEL II, NA SESSÃO REAL DE 29 DE ABRIL

(Instantaneo Alberto Lima)

CHRONICA OCCIDENTAL

Qnando o fallecido D. Carlos de Bragança foi aclamado rei, Oliveira Martins disse que, acima de todos os problemas, de todas as crises e de todas as desgraças, acima de tudo, emfim, a questão constitucional e a da autonomia estavam indissoluvelmente ligadas, porque a mudança de regimen implicaria em Portugal conflictos de natureza externa que afundariam a ordem publica, e com ella, ou a independencia politica, ou a liberdade pessoal. Hoje, a monarchia é o penhor da segurança e da independencia, embora a independencia seja imperfeita e a segurança precaria.

Ambos estes defeitos proveem da dureza cruel do momento, das condições inevitaveis em povos pequenos e fracos, e finalmente do pessimismo moral portuguez. Parece que o vicio de falar mal tem entre nós muitos seculos: é manha de Portugal, diz o rifão. Tudo isto junto, faz que naufraguem successivas tentativas, e a sociedade não pareça ser susceptivel de acceitar direcção, embora haja em muitos, nos melhores de certo, esse desejo ardente. Os melhores, porém, foram sempre minoria, e a maioria, prompta a applaudir as medidas negativas de destruição, condemna tambem sempre as tentativas de reconstrução, apontando-lhes os defeitos inevitaveis, explorando os despeitos e os interesses lesados. Assim desquiciada, a opinião, ou se abandona aos desvarios do jacobinismo, ou obedece inconscientemente ás instigações astutas dos intrigantes, para quem a opinião publica é a opinião que se publíca.

De tal modo, a sociedade, quaesquer que sejam os seus elementos fortes e sãos, está coacta sob a oligarchia da intriga que a explora. Umas vezes é para satisfação desbragada de interesses illegitimos, outras vezes para satisfação

tambem de vaidades quasi pathologicas, tão despidas de capacidade como de consciencia, obedecendo absurdamente, criminosamente quasi, ás reclamações insensatas e não raro interessadas do populacho, e confundindo a força que sempre deu o braço á prudencia, com temeridades no fundo filhas da basofia pusilanime.

Em taes circumstancias, com taes elementos, como se póde ser rei? De um modo só: reinando, isto é, governando. Não para impôr á sociedade um querer diverso do d'ella; mas sim para a libertar da tirannia contra a qual intimamente se revolta, sem energia bastante, porém, para fazer valer os seus protestos. Não para violentar a opinião com actos de força brutal; mas sim para moralisar essa força, restaurando o prestigio combalido da auctoridade. Não tornar a corôa solidaria com esta ou aquella cabala, com este ou aquelle aventureiro, pois abraçados se precipitariam na morte; mas para fazer o que Jesus fez um certo dia, no Templo de Jerusalem.

No dia em que tal succedesse, o desespero que hoje lança tanta gente nos braços da aventura republicana dissipar-se-ia, e a rectidão firme do genio portuguez, desaffrontada, quebraria a deploravel tradição do divorcio entre a nação e o governo. Foi um republicano, a todos os respeitos distincto, quem o disse abertamente um dia: «Se a monarchia nos póde salvar, faça-o: o nosso alvo é o paiz, e não um sistema.»

Em sociedades que chegaram á dissolução da nossa, e que em tal estado se veem a braços com a economia em crise, as revoluções, para serem fecnndas e não serem mortaes, teem de partir de cima.

O dia da aclamação de D. Manuel II foi uma memoravel jornada monarchica. A' cerimonia official das Côrtes, em que o joven soberano ractificou o seu juramento perante as duas camaras reunidas, juntou-se outra cerimonia bem mais grandiosa ainda, a de uma calorosissima manifestação feita em todo o percurso do cortejo. Sósinho, dentro do seu lindo coupé dourado, o joven monarcha passou entre alas compactas de gente que lhe atirava flores, lhe dava palmas, lhe acenava com lenços, e lhe gritava vivas estridentes, enthusiasticos, delirantes. As flores que caiam sobre a sua carruagem e as palmas e saudações que os seus ouvidos escutaram eram o brado caloroso da nação que o aclamava sincera e sentidamente rei de Portugal.

O aspecto d'esse moço rei, moço e infeliz, mas que da propria mocidade tem de tirar a força para salvar o reino de seus avós salvando-se a si proprio com a memoria d'elles, sugeriu-nos então, como que revivida para uma nova opportunidade, aquella pratica do prudente D. Aleixo de Menezes a El-Rei D. Sebastião, que dizia assim:

«... Entraes, Senhor, neste incomparavel trabalho de governar vossos reinos, em edade que, com o nome de liberdade e supremo senhorio, temo que vos persuadam que até não fugirdes da companhia e conselho da rainha, vossa avó, e do cardeal vosso tio, não sois verdadeiro rei; que é a traça por onde os que querem aproveitar da vossa liberdade, fiam abrir caminho na sua privança. E como estes attentam só á sua grandeza e proveito particular, procuram, approvando por justo qualquer delicto dos principes, não lhes contradizendo coisa licita ou illicita que intentem, mostrar-lhes que o tempo que viviam sujeitos aos bons conselhos de quem com elles procurava sua estimação e accrescentamento, foi uma sujeição e captiveiro indigno de sua dignidade. D'onde se seguirá que, apartados de vós aquelles que com verdadeiro amor vos podem desenganar das faltas que ha no governo, e cercado de quem, por se sustentar na privança, approva por justos os erros do vosso gosto, padeça o reino grandes trabalhos, e o animo de vossos vassallos não seja para com Vossa Alteza o que costumava ser para com os reis, vossos antepassados...

E, como Deus dotou a Vossa Alteza de um animo generoso, inclinado a emprehender coisas grandes, temo que, usando d'este bom fundamento, vos inclinem a empresas (se bem menores que vosso coração) maiores do que permittem as forças de vossos reinos. E como os que seguem este caminho, medem as coisas, não pelo que são, senão pelo que querem que ellas pareçam aos reis, encobrindo-vos a industria, trabalho e miudeza com que vossos antepassados sustentavam, com limitada fazenda, a reputação do seu estado, vos engrandecerão as riquezas e forças de vossos reinos; d'onde se seguirá metterem-vos em empresas de que ou saireis com pouca honra, ou aventurareis vossos estados e vida, sem conhecerdes o engano, senão quando lhe falte o remedio.

Não vos direi eu, Senhor que, nesta edade em que estaes, deixeis a companhia e communicação dos fidalgos da vossa creação, e de ter com elles os honestos passatempos que requerem os vossos poucos annos, que isto fôra violentar as condições da natureza; só vos lembro que estes sirvam para as horas de conversação, jogo, caça e passatempos; porém nas materias de estado, fazenda e governo, deis em tudo a mão aos fidalgos antigos, creados nas escolas dos reis vossos avós, com cuja experiencia e conselho sustentareis vossos reinos na paz e prosperidade em que elles vol-os deixaram... Nas coisas em que Vossa Alteza se poder servir de ministros seculares, não dê a mão a ecclesiasticos...

Se porventura aconselharem a Vossa Alteza que convem reformar, em seu reino, trajos e costumes, pesos e medidas, ou qualquer outra coisa usada e introduzida de tempo immemorial ainda que o conselho seja justo e a reformação necessaria, vos peço e aconselho que o não façaes nos primeiros annos de vosso governo; porque tem tal aceitação nos povos os seus costumes antigos, que, até para melhoria sua sentem qualquer alteração que se faça; e mais em conjuncção de novo governo, a cuja pouca experiencia attribuem antes a novidade que a virtude; que só a esse fim a ordenam; d'onde se segue suspirarem pelo tempo e memoria dos reis passados e começarem a desanimar do presente, e a tel-o por estranho.»

Que melhores palavras encontrar para dizer ao rei que neste momento cinge a corôa de Portugal — rei moço em quem sobra a intelligencia, em quem a lealdade e a inteireza andam a par, em quem a boa vontade não falta? Com tudo isto póde ser-se um homem, e é d'um homem que Portugal carece. Tenha elle força, coragem, abnegação, porque, se ao fim da jornada está o premio glorioso das aclamações de um povo, a derrota é semeada de syrtes e a navegação difficil pelo desnorteamento dos ventos e pelo nevoeiro ondeante da tremulina do mar.

Que uma nobre ambição desperte no coração do rei pelos soffrimentos de um povo tão nobre como elle, e tão pouco digno como elle da sorte que os erros passados lhe preparam: a ambição de fazer renascer de Portugal um paiz revigorado pelo trabalho, retemperado pela sobriedade austera, illuminado pelo clarão sereno do juizo e da prudencia!

João Prudencio.

A abertura do Parlamento Português

Com o ceremonial do costume, abriu, no dia 29 de abril o parlamento português, em sessão real a que presidiu S. M. El Rei D. Manuel II.

Na historia da Constituição portuguêsa, raro a abertura do parlamento terá despertado maior interesse do que no atual momento historico. Rasões de sóbra havia para isso e, quando tantas não houvesse bastava a de serem as primeiras côrtes de um novo reinado, que apraza a Deus fazer venturoso, realisando as esperanças dos bons portuguêses, como serão tambem os desejos do joven monarca, que o destino quiz tão cedo quão inesperadamente coroar rei de uma nação oito vezes secular, fundada pelo braço potento de um homem que o povo aclamou rei, e que, sob a monarquia tem atravessado os tempos, enchendo de paginas gloriosas a sua historia, como outra não ha mais heroica e de maiores beneficios para a humanidade.

Tão grande, tão béla, tão respeitavel, que ainda no meio desta decadencia moral que se manifesta, mais parece respeitarem-na estranhos, que muitos filhos degenerados desta «ditosa patria».

Era grande o interesse pela abertura do parlamento, não ha duvida, e ainda bem se elle corresponder á justa compreensão dos deveres civicos, de que tão afastados teem andado dirigentes e dirigidos.

Que a todos aproveite as lições da historia.

O rei é novo e novo é o reinado, inaugurando-o em circunstancias criticas de que lhe não cabe a menor responsabilidade.

Desanuviem se os horisontes etenebrecidos que teem pesado sobre este país de sol, e que o astro rei ilumine com todos os seus folgores radiantes este ceu azul, á luz do qual abrimos pela primeira vez os olhos.

* *

Foi sob um ceu assim que o cortejo real seguiu do paço das Necessidades até ao palacio das côrtes, por entre as alas das tropas e do povo que se aglomerava pelas ruas do transito. El Rei, fardado de marechal-general, com a banda das três ordens, ia num *coupé* de gala com o sr. Conde de Sabugosa, mordomo-mór.

Ladeando o *coupé* real seguiam os oficiaes do estado maior do sr. general da divisão, que cavalgava á estribeira direita. A' esquerda o sr. coronel do estado maior, tenente coronel Albuquerque estribeiro menor, e coronel sr. Mousinho de Albuquerque comandante da brigada de cavalaria, que escoltava o *coupé* real.

Assim chegou Sua Magestade ao palacio das Côrtes.

Na nova sala do parlamento, estava a maioria de pares do reino e grande numero de deputados. O corpo diplomatico ocupava a respétiva tribuna, e pelas mais tribunas e galerias destacavam-se muitas senhoras em *toilettes* de gala, por entre uma, menos que regular, concorrencia de homens, devido á parcimonia que houve com os bilhetes de entrada.

El-Rei entra na sala, seguido do seu cortejo, e quando se senta na cadeira, seu rosto está estremamente palido e o aspéto é triste.

Observado o ceremonial o sr. presidente do conselho entrega a El-Rei o discurso da corôa, que o joven monarca principiou a ler com voz firme e sonóra, o que causou certa surpresa á maioria do auditorio, por assim ouvir expressar-se um joven imberbe e de aparencia delicada.

Pela sua importancia, não deixaremos de inserir aqui o primeiro discurso da corôa, do novo Rei, tanto mais que o momento historico o torna documento digno de se arquivar n'este repositorio.

«Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza: — O mesmo sentimento humano e civico une a todos neste momento e neste recinto — a dôr que revive do transito crudelissimo de meu pae e irmão, do nosso rei e principe.

Não me cabe tecer louvor á memoria do monarcha extincto, nem tão pouco á esperança posta em aquelle que lhe herdaria tradições e nome. Invoco esse passo tremendo de martyrio neste primeiro encontro da corôa e do parlamento, como signal de alliança que empenhe a todos na paz e no progresso da nacionalidade.

Sobre o doloroso transe convergiram as sympathias dos chefes de Estado, das corporações, da imprensa de todo o mundo civilisado, num brado unisono de humanidade e justiça. Do coração maguado do paiz brotou o protesto de lealismo e devoção á familia real e ás instituições que refirmou as tradições antigas da união do povo e do rei. Seja este agora que, congregando as energias de todos, n'um esforço supremo, nos avigore para suster o peso das responsabilidades do poder e dos destinos do paiz.

Essa nunca vista fatalidade fez me subir ao throno no cumprimento de um dever dymnastico e nacional. Da missão, tenho fé em Deus e em vós, representantes da nação, que bem sahirei; tenho fé de que concorrerei comvosco para a felicidade do reino, a que toda a minha vida e acção estão d'ora avante inteiramente devotadas. Buscarei inspirar me no exemplo dos imperantes, que são, para gloria da monarchia e bem das nações, lição viva na arte de reinar; e reinarei, protesto-o, como manda a lei.

Vivemos na paz e amisade das potencias que ha bem pouco ainda nos enviaram principes e missões a tomar parte em nossas dôres e infortunios; da Inglaterra, nação alliada, e da Hespanha, visinha e amiga, nos enviaram tambem representantes de suas esquadras. No Brazil, nação irmã, as manifestações attingiram quasi a grandesa de um luto nacional. A todas agradecemos de coração bem reconhecido tão significativos testemunhos.

Tudo nos permitte affirmar que é segura a situação de Portugal na politica externa. Como demonstração da cordialidade d'essas relações, sempre que as circumstancias o teem permittido, com muitas assignámos tratados de arbitragem. E na defesa d'este elevado principio, como norma internacional, se empenhou a nossa representação diplomatica perante o Congresso de Haya.

Outras convenções de caracter internacional, pendentes ainda de sancção parlamentar, demandam a vossa attenção, para que não permaneçam por mais tempo sem ractificação, se d'ella as julgardes merecedoras.

Pelo que respeita ao intercambio mercantil, cumpre assentar na base segura da nossa politica commercial externa.

No tocante á politica interna, transpoz-se uma crise que importa liquidar; promulgaram se providencias de caracter legislativo, alguma das quaes o meu governo, entendeu, no uso das suas facul-

dades, dever sem demora abrogar, restabelecendo a normalidade dos direitos individuaes; outras a esta legitima estancia serão sujeitas; o vosso livre exame discriminará o que n'essa decretação de caracter dictatorial mereça ou careça conservar-se como lei.

Outra obra de momento e de futuro se impõe: a revisão da Carta Constitucional. O codigo organico de uma nacionalidade tem de passar por estes estadios de correcção, graus successivos de adaptação ás necessidades e aspirações do paiz. Julga o meu governo traduzir um sentimento imperioso no animo dos cidadãos portuguezes, proclamando a opportunidade de introduzir modificações convenientes nas normas que regulam o exercicio do poder e determinando-se a fórma mais adequada ao funccionamento estavel e harmonico da vida publica. A vós pertence iniciar essa refórma, seleccionando os assumptos que tenham de submetter-se ás deliberações das côrtes constituintes. E d'aqui deriva para o parlamento outra pesada tarefa: uma lei eleitoral que inaugure a formação da camara successora e fixe qual o systema distribuitivo do suffragio que o parlamento prefere para a expressão fiel e integral da representação collectiva da nação.

Eis os pontos cardiaes do trabalho parlamentar que poderão condensar-se neste objectivo: lançar com segurança e exito as bases politicas do novo reinado.

Tem procurado o meu governo cumprir escrupulosamente os preceitos legaes: e assim, na época prefixada, se realisaram as eleições geraes dos senhores deputados da nação, com plena liberdade em todo o paiz e absoluta ordem, apenas perturbada em algumas assembleias da capital por incidentes cujas dolorosas consequencias profundamente lamentamos.

Na mesma orientação governativa não faltarão, no praso regulamentar, as propostas de lei de obrigação constitucional.

Pelo orçamento geral do Estado conhecereis a situação da fazenda nacional e os recursos de que dispõe o thesouro para occorrer aos encargos dos serviços publicos.

Nos ultimos tempos uma certa perturbação se produziu no movimento commercial e economico do paiz, notando-se ao mesmo tempo depressão na cotação de fundos publicos e de titulos de algumas sociedades de credito, de par com o aggravamento do agio do ouro. Cessará por certo em breve esse periodo de desconfiança, pelo reconhecimento dos elevados recursos do paiz e pontualidade com que satisfaz a seus compromissos.

Empenha-se o meu governo em que a nação prosiga no seu desenvolvimento material e economico, e para o conseguir vos proporá differentes providencias tendentes a melhorar as condições do thesouro, sem novos gravames para o contribuinte, procurando simplificar os serviços de lançamento e arrecadação dos impostos, de que deverá resultar diminuição de despesa.

Com o mesmo intuito vos serão apresentadas as bases de um novo contracto com o Banco de Portugal, que permittirá reduzir os gastos do Estado sem prejuizo dos legitimos interesses d'aquelle estabelecimento de credito que merece os nossos maiores louvores pelo modo como tem auxiliado o thesouro nas suas crises financeiras.

Prepara egualmente o governo o meio de converter a nossa antiga divida fundada interna, a cargo da Junta do Credito Publico, por forma a reduzir a grande desproporção entre o nominal e o seu valor effectivo, de que provem suppor-se serem muito maiores do que na realidade são, os encargos que pesam por esse motivo sobre o thesouro nacional.

Para facilitar a vinda e a permanencia no paiz de estrangeiros, tornando conhecidas e apreciadas as nossas bellezas naturaes, renovará o governo a iniciativa de propostas anteriormente submettidas á deliberação das côrtes, introduzindo-lhes ligeiras modificações resultantes de um ou mais profundo exame do assumpto, que, como sabeis, merece hoje a maxima attenção de muitas nações.

E' certo que uma grande parte da nossa divida externa está hoje na posse de nacionaes, que são obrigados a mandar cobrar os juros nas agencias financiaes do thesouro. Para facilitar o pagamento no paiz, sem novos encargos, promovendo-se ao mesmo tempo ainda mais a acquisição por nacionaes dos nossos fundos externos, o governo vos proporá providencia que julga benefica para o agio do ouro.

A pauta geral das alfandegas carece de profundas modificações, como modernamente é reconhecido; e para esse fim submetterá o governo ao vosso exame e deliberação o trabalho preparado por uma commissão especial que foi incumbida d'esse melindroso assumpto, e servirá de base para as resoluções que tomardes a semelhante respeito. Tanto o commercio como as industrias nacionaes são interessadas em que se realise em curto praso tão necessaria reforma urgentemente reclamada por todos os motivos.

A ultima lei de contabilidade publica carece, para sua mais prompta e cabal execução regulamentar, de algumas disposições interpretativas; para esse fim vos será apresentada a conveniente proposta. Assegurar-se-ha por essa forma mais completamente o cumprimento rigoroso de todas as disposições legaes para a justa applicação dos dinheiros publicos ás despezas legalmente votadas.

Outras providencias mais vos serão lembradas, todas tendentes a melhorar a nossa situação economica, e assegurar o equilibrio das despezas com as receitas publicas.

Afóra essas propostas, o meu governo vos apresentará outras que julga convenientes.

Assim podereis apreciar as bases de uma reforma policial tendente a conferir ao corpo de segurança publica os meios materiaes e organisação necessaria para o cumprimento efficaz da sua missão protectora e defensiva.

Propostas sobre materia civil e criminal, entre as quaes se destacam, pelo seu caracter social, as de protecção a menores e mulheres, serão sujeitas á vossa apreciação.

O exercito de terra e mar merece-nos a maior attenção como glorioso instrumento da defeza e conservação do reino, a quem o paiz e a corôa devem hoje como sempre os mais relevantes serviços, dignos de todo o elogio que d'elles se faça. As victorias ultimas mais uma vez fizeram rebrilhar o valor e firmeza dos nossos soldados e marinheiros, para honra sua e da patria, que os cobriu de acclamações.

O Supremo Conselho de Defeza Nacional está estudando um projecto de reorganisação geral; e, além d'essa, outras providencias, que teem em vista melhorar as condições da defeza do paiz, vos serão presentes.

Propostas referentes ao regulamento disciplinar, instrucção e administração navaes serão submettidas á vossa consideração; e ainda aquellas que importam á regulamentação da marinha mercante, que tanto carece desenvolver-se, e á protecção da industria piscatoria, de interesse geral e favorecedora de uma classe tão prestante e laboriosa. Outras, versando as questões mais momentosas do imperio colonial, padrão das nossas glorias, fonte de riquezas, e penhor da nossa independencia, constituirão alvitres de fomento agricola, industrial e ferro-viario, e regularão o trabalho indigena e a emigração de trabalhadores.

Por egual na metropole, convindo attender ás necessidades de circulação e producção, o meu governo vos proporá os meios efficazes para a conclusão da rede de estradas, attendendo tambem á conservação e reparação das existentes, e remodelando e reorganisando os serviços da agricultura e da industria, fontes principalissimas da riqueza.

Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza.

A vida dos parlamentos reside, por sua natureza, no embate e discussão de opiniões diversas; pois tudo quanto póde estremar homens, desde a classe social até á paixão dos credos politicos, n'elles encontra voz e defeza.

A finalidade parlamentar consiste em compôr todas essas forças em uma só resultante — as conveniencias publicas; ganhará o paiz em que todos entendam luctar por se excederem uns aos outros na promoção das resoluções mais acertadas ao beneficio da vida nacional.

Subordinado tudo ao conseguimento do bem immediato da patria, bella e duradoura será a obra do parlamento — essa a que o paiz e o chefe do Estado confiadamente esperam d'esta alta assembléa.

E' crença tradicional, e incentivo foi ella para a grandeza dos nossos maiores e para a constancia de animo revelada nas épocas mais attribuladas, que a Providencia vela pelos destinos do paiz. Que no nosso coração de patriotas se avive, mais que nunca, a fé pelo futuro de Portugal! N'esse alevantado sentimento se estreitam o rei e o povo portuguez.

Está aberta a sessão.»

Finda a leitura do discurso, e observando-se o devido ceremonial, retirou-se Sua Magestade acompanhado por seu cortejo, pares do reino e deputados que estavam na sala, até a sahida. Quando porém o monarca chegava ao atrio, quasi ao transpôr a porta, irrompe da assistencia entusiasticos vivas ao novo Rei, como se já ali fosse a sua publica aclamação.

Depressa o entusiasmo se communicou ao povo que estacionava na rua de D. Carlos, e então os vivas e as palmas redobram de intencidade, e por todo o trajeto até ao paço das Necessidades se repetem, enchendo o rei de satisfação, que mais animado recolhe ao palacio.

Foi esta a primeira manifestação que o povo lhe fez, como mais cedo a faria se antes tivesse visto o seu novo e simpatico rei.

Outra manifestação mais ruidosa ainda reservava o povo para o dia da aclamação, á qual se refere largamente a cronica deste numero, como ao facto mais importante ocorrido na ultima desena.

A EXPOSIÇÃO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

D. Branca de Gonta e Jorge Colaço

O convite feito pela grande Republica do Brasil a Portugal para concorrer á Exposição Nacional do Rio de Janeiro comemorativa do primeiro centenario da abertura dos portos daquelle país ao comercio mundial, veio animar a alma portuguêsa, tão desalentada por vicissitudes que nos ultimos tempos tem sofrido.

A nação irman convidou-nos a tomarmos parte nas suas alegrias, como tantas vezes tem partilhado tambem das nossas, e nessa reciprosa afeição, quiz que ali fossemos com os frutos de nosso trabalho e inteligencia, afirmar a vitalidade e progresso da nação sua irman.

Recebido o carinhoso convite com alvoroço, o governo português tratou logo de nomear uma comissão para organisar as coleções de produtos que concorrem-se áquele certamen, e de cujos trabalhos trataremos em sobsequentes artigos.

Por agora estas linhas só tem em vista consignar a partida para o Rio de Janeiro do delegado da Sociedade Nacional de Bellas Artes, sr. Jorge Colaço, que ali vae instalar a secção portuguêsa de arte.

Foi no dia 4 do corrente que, no *Avon*, seguiu para a capital federal o talentoso artista, o qual se acompanha de sua esposa a distinta poetisa sr.ª D. Branca de Gonta Colaço, finissimo espirito apaixonado das musas, herança paterna de um dos maiores poetas da nossa terra, Thomaz Ribeiro.

Esposa e mãe carinhosa, honra como filha a memoria do grande poeta autor de *D. Jayme*, possuindo um dilicado sentimento da poesia, de que dá valiosa prova no seu ultimo volume de versos *Matinas*, afirmação de um talento peregrino, em que vive o amôr e a crença cristan profusamente difundidos naquelas diliciosas paginas.

Este livro será como que um passaporte literario que proporcionará, estamos certo, o melhor acolhimento á autora, na sociedade fluminense, onde seu nome já será conhecido e agora mais apreciado ainda.

De Jorge Colaço que diremos? A sua individualidade de ha muito se impõe no nosso meio de arte como a de um artista de raça de extraordinarias adtidões e incançavel atividade, qualidades que são um vinculo de familia, de que bastará citar o nome de seu pae Daniel Colaço, um artista de coração a quem os arduos encargos da vida diplomatica, não fizeram esmorecer as côres de seu pincel de aguarelista eximio.

A escolha de Jorge Colaço para representar os artistas de Lisboa no grande certamen do Brasil, foi acertadissima, porque nelle sobram inteligencia e vontade para desempenhar sua missão, como reune qualidades de caracter primoroso, com que saberá cativar e merecer simpatias da sociedade em que temporariamente vae viver, e que lhe valerão para aplanar dificuldades que, porventura, possam levantar-se no desempenho de delicada comissão que lhe foi confiada.

A sua autoridade profissional prova-a com os seus trabalhos de pintura em que tanto se expande a grande imaginação de artista como o brilho de sua paleta colorida.

No Brasil ficarão agora mais conhecidos e será ali novidade a sua pintura em azulejos, por um processo seu, que dá ás côres um brilho de esmalte de grande vigor, como o não tem os azulejos antigos.

E' um desses trabalhos, destinados á exposição, que reproduzimos em gravura. Um elegante triptico em azulejo, representando o descobrimento do Brasil, composição alegorica de uma das maiores glorias de Portugal e que tem todo o cabimento naquella certamen.

A Abertura do Parlamento Português

S. M. EL-REI D. MANUEL II SAHINDO DO PALACIO DAS CORTES

O BANQUETE DIPLOMATICO NA LEGAÇÃO DA AMERICA, EM 30 DE ABRIL

ASSISTENCIA: *Srs. conselheiros Wenceslau de Lima, ministro dos estrangeiros, Afonso Espregueira, da fazenda, Sebastião Telles, da guerra, Augusto de Castilho, da marinha, rev. D. João Paulino, Bispo de Macau, rev. Padre Moraes Sarmento, Barão de S. Pedro, ministro da Austria-Hungria e Condessa de Hohenwart, ministro d'Inglaterra, Lady e Miss Villiers, Ministro d'Espanha e Condessa de S. Luis, Ministro do Brazil e Madame Itibere da Cunha, Mr. Vredenburch, encarregado de negocios da Hollanda e M.elle Van de Bosch, Marquêsa de Guell y Bourbon e filhas, Condessa de Molina e filha, Condessa de Macuriges, Mr. e Madame Jorge O'Neill, Conde e Condessa de Santar, Condessa de Taboeira e sobrinha, Lord advogado da Corôa na Escocia e Miss Shaw, Professor e Madame Mac Cormick, D. Maria Luiza de Sá Pereira (Oldoim), M.elle. Hauson, Major Tsunoda, Mr. Wellcome, Alfredo Torres, secretario do Brasil, Baron de Rotenhan, secretario da Allemanha, Allendesalazar, addido d'Hespanha, Mr. Barbour Lothrop, Mr. Mac Gavia, e Mr. Stephen Van Rensselaer, secretario particular do sr. Ministro da America.*

Exposição Nacional do Rio de Janeiro

D. BRANCA DE GONTA

JORGE COLAÇO

Congresso de instrucção primaria

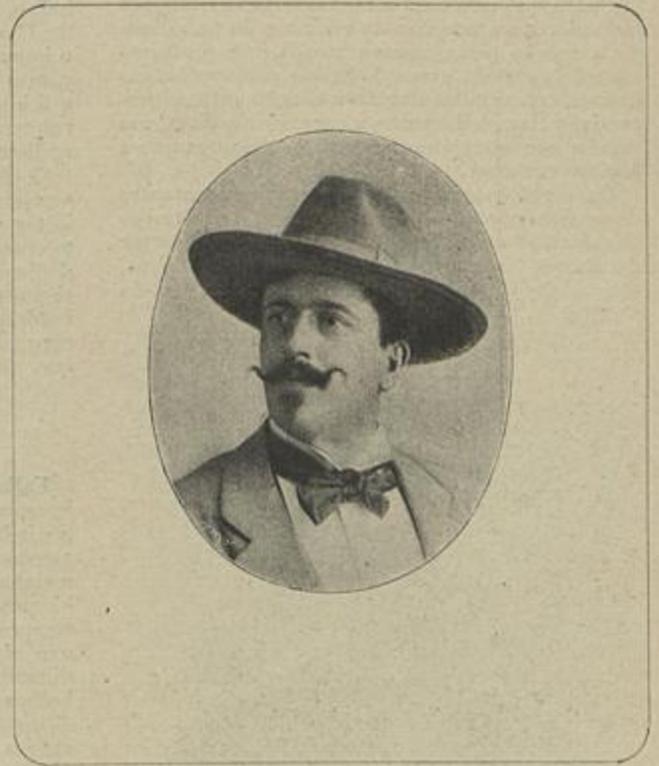
A Liga Nacional de Instrucção

(Continuado do n.º 1056).

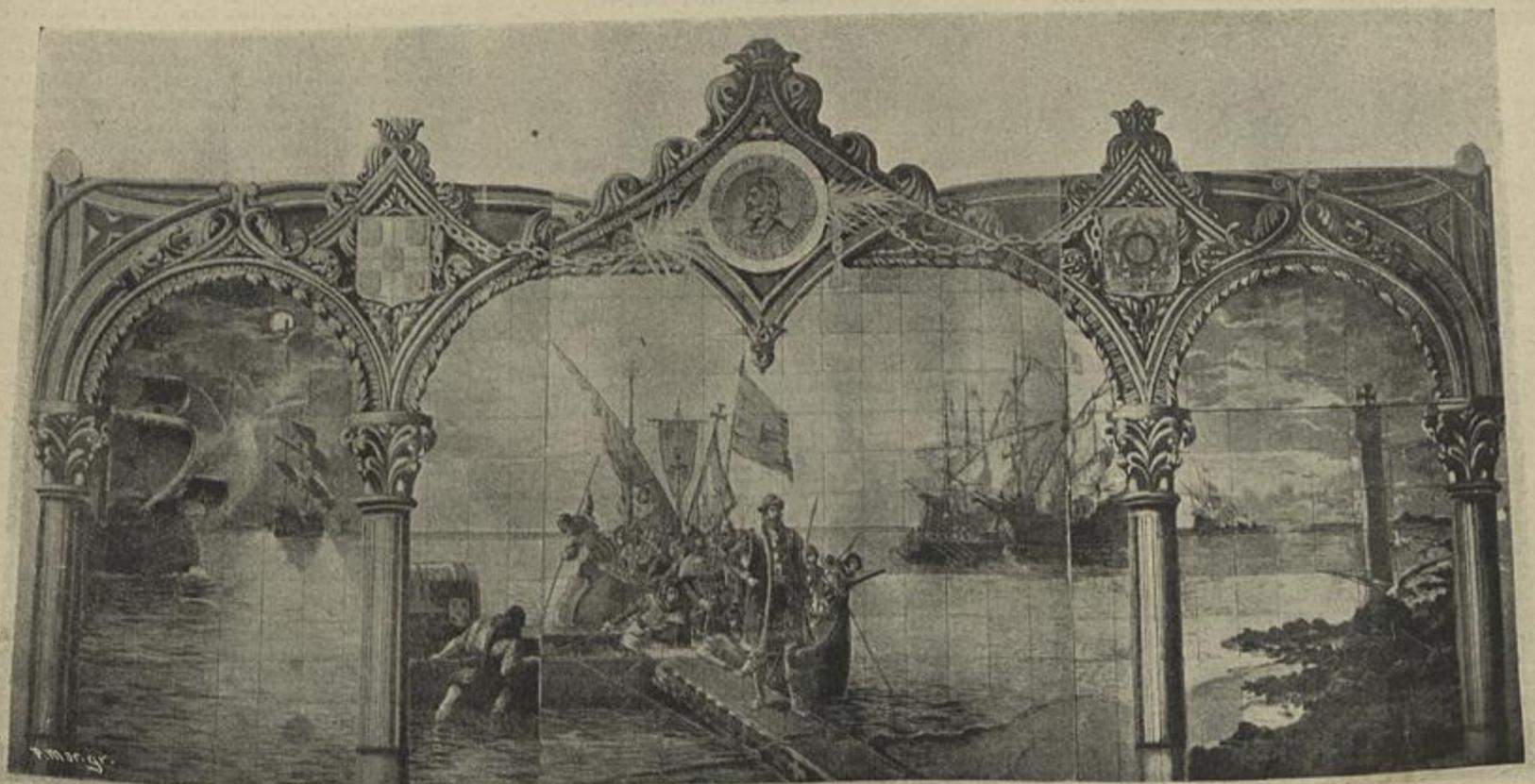
Poucas são as escolas montadas em edificios proprios; a maior parte funcciona em casas de aluguer sem condições pedagogicas, a começar pela falta de um pequeno quintal para recreio das creanças. E já que fallamos em edificios escolares, justo é que tributemos homenagem de gratidão á memoria do grande patriotico e philanthropo Conde de Ferreira, que dotou a sua patria com as cem escolas typicas que toda a gente conhece. A iniciativa particular tem contribuido bastante para o adiantamento da instrucção popular; pena é que os governos em vez de estimular essa iniciativa lhe contrarie muitas vezes as intenções, não dando immediato cumprimento a muitos legados, cuja importancia tem augmentado nestes ultimos annos.

O que seria a nossa capital sem esse grande auxilio particular? Em Lisboa multiplicam-se de dia para dia as escolas de ensino popular, e apesar d'isso não ha ainda o numero sufficiente para a população em edade escolar.

Da parte do professorado primario nota-se um crescente interesse pelo augmento da frequencia das escolas, sendo já bastantes aquelles que com decidida boa vontade instituiram *caixas economicas escolares* que valiosissimos serviços vão prestando aos alumnos pobres. E' de crer que a fundação das *cantinas escolares*, cuja utilidade é largamente reconhecida no estrangeiro, venha a ser tambem um auxiliar importante para o augmento da frequencia, e ainda mais, para o bem estar das creanças que frequentam as escolas ruraes, situadas muito longe de suas casas.

Reconhecida a boa vontade do professorado, cumpre aos governos estimular-lhes os esforços, quer estabelecendo-lhes remuneração condigna, quer abrindo-lhes uma carreira desafogada com promoções aos logares de sub-inspectores e inspectores, os quaes devem ser occupados unicamente pelos professores primarios e não por officiaes do exercito, como actualmente se vê nas inspecções da capital.

A reforma da instrucção publica, decretada pelo governo transacto, concedeu aos professores incontestaveis regalias que cumpre manter e fazer progredir. Essa reforma é sem duvida a melhor creação d'aquelle governo e representa um grande passo no caminho da justiça.

Se houvesse, do que duvidamos, a energia necessaria para cumprir á risca, doesse por onde doesse, as disposições d'esse diploma, talvez que de futuro não tivessemos que lamentar a intervenção da tal politica entravadora de que já fallamos.

Com effeito, a ultima organisação do Conselho Superior de Instrucção Publica abriu novos horisontes a todo o professorado e mormente ao primario que agora é tambem chamado para a

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL—pintura em azulejo, por Jorge Colaço, enviada á Exposição Nacional do Rio de Janeiro

representação tanto da *secção permanente*, como da *secção especial* d'esse grande conjuncto necessariamente harmonico em todos os seus elementos, para que não haja a menor *desafinação*, que redundaria em prejuizo do ensino e do paiz. Sendo a secção permanente formada pelo professorado de todos os graus do ensino, e as secções especiaes constituidas por livre eleição entre as respectivas classes docentes, a organisação do ensino vem a ser obra dos mesmos professores que a hão de executar.

Da secção permanente, e como representantes do ensino normal e primario, fazem parte respectivamente os srs. José Augusto Coelho, director da Escola Normal do Sexo Feminino de Lisboa, e José de Carvalho e Silva, director da Escola Central da Costa do Castello.

JOSÉ AUGUSTO COELHO

O sr. J. A. Coelho (1) é incontestavelmente a primeira auctoridade pedagogica em Portugal; cabe-lhe a honra de ter escripto a obra mais monumental—*Principios de Pedagogia*, em 4 volumes—que sobre esta vasta e complexa sciencia se publicou em nossa lingua. Muitos outros trabalhos elle tem publicado e em via de publicação, trabalhos que demandam largo folego e solida intelligencia.

Foram estes requisitos, alliados á reconhecida rectidão de seu caracter, que impuzeram a escolha do illustre professor para vogal da secção permanente do Conselho da Instrucção Publica.

JOSÉ CARVALHO DA SILVA

O sr. José de Carvalho e Silva, que representa condignamente o professorado primario n'aquelle conselho, é tambem uma personalidade em evidencia na sua classe, que lhe deve o melhor de quasi trinta annos de porfiados e intelligentes esforços. Professor em varias escolas, onde conquistou sempre a estima dos collegas e a veneração e respeito dos discipulos, tambem se distinguiu como escriptor, tendo collaborado nos livros actualmente adoptados nas classes de instrucção primaria. Já antes o seu nome se notabilisara como pedagogista pratico, escrevendo a importante obra de vulgarisação — *Guia do Ensino de Grammatica* — em mais de quatrocentas paginas. Este trabalho, pacientemente elaborado — no dizer do dr. Candido de Figueiredo, que o prefaciou — sob o impulso de uma longa e intelligente experiencia, com o entranhado amor que se deve ás creanças e á instrucção da nossa terra, mereceu elogiosas referencias de todos quantos se interessam pelo melhoramento dos nossos methodos de ensino.

O Occidente, que no limite de suas forças tem sempre pugnado pelo derramamento de toda a instrucção, especialmente da primaria, aproveita a occasião de apreciar e pôr em evidencia os dedicados serviços do sr. Carvalho e Silva, ardente apostolo da instrucção, tão intelligente quão modesto e bondoso, sacrificando muitas vezes seus magros vencimentos em beneficio dos discipulos que têm nelle um verdadeiro amigo e protector.

(1) Vide n.º 990 do Occidente.

*

Fallando propriamente do actual Congresso de instrucção Primaria, que acaba de realisar-se na Sociedade de Geographia — essa prestantissima aggremiação scientifica em cujas salas espaçosas e elegantes se debatem os mais interessantes problemas da nossa vitalidade, sociedade prompta sempre em auxiliar todos os empreendimentos que visam a um fim patriotico — forçoso é que digamos que elle representa o resultado dos trabalhos iniciados ha pouco mais de um anno pela *Liga Nacional de Instrucção*, cuja origem caracterisa uma phase nova da nossa vida nacional, phase manifestada pelo esforço individual conjugado em grupos ou collectividades que vemos constituir-se de dia para dia, animados todos pela idéa grandiosa e empolgante de que existem dentro do paiz energias e intelligencias capazes de fazer o resurgimento urgente e indespensavel para que tenhamos o direito de commungar no convivio dos povos verdadeiramente modernos.

O futuro dirá se essas vontades e essas intelligencias illuminadas pelo sol d'um radioso porvir não desfalleceram nos seus louvaveis emprehendimentos.

A Liga Nacional de Instrucção nasceu do esforço de um punhado de homens arautos d'essa nova phalange de obreiros que se propõem trabalhar pela causa popular e nacional.

(Continúa.)

J. A. Macedo de Oliveira.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XIV

(Continuado do n.º 1055)

Foi este André Soares que, com sua mulher, instituiu em Lisboa, em 1573, o morgado a que já aludi no capitulo 2.º. Moravam então junto ao convento da Trindade. Entre outros bens de raiz, que constam dos documentos da instituição, possuiam uma quinta *além de S. Roque*. Esta quinta, que occupava todo o terreno comprehendido entre a rua da Procissão e o Rato, desde a rua da Escola á de S. Bento, era limitada ao poente pela estrada deste nome e por outras quintas e hortas de particulares; ao nascente, convenientemente murada, pela estrada de Campolide, pelo prazo da Casa de Tarouca, depois chamado prazo da Cotovia, e pela quinta de Nossa Senhora da Piedade que mais tarde foi do tenente-coronel Domingos do Amaral Valente e por este nome conhecida.

Na instituição do morgado já se mencionam, na quinta, casas de habitação. E' provavel que fossem edificadas por esse tempo pelo mesmo André Soares. O seu primogenito já ahi demorava pouco depois, como se infere da informação dos nobiliarios e de outros documentos. (1)

Constava a parte rustica dessa propriedade ás ábas de Lisboa, de pomar, vinha, olivaes e terras de semeadura.

(1) Nobiliario ms. de Rangel de Macedo, da chamada coleção Pombalina da B. Nacional, outros nobiliarios da mesma Bibliotheca e documentos da instituição do morgado (cart.º do convento da Trindade, na Torre do Tombo).

* * *

3.) Por morte de André Soares, sucedeu no morgado e portanto na posse da quinta o seu filho mais velho, Manoel Soares. Este *Manoel Soares*, escrivão da Fazenda de el-rei D. Sebastião e D. Henrique, fez parte dos expedicionarios do Alcacer-Kibir e foi um dos oitenta do ról dos captivos. Duas vezes contrahiu matrimonio. A primeira mulher chamou-se D. Briolanja Pimentel e era filha de D. Sebastião Mendes Pimentel e de D. Inês Moreira e a segunda foi sua prima D. Maria de Sequeira, viuva de Pedro Vaz de Sequeira. Do primeiro casamento teve um filho que morreu menino; do segundo teve dois, um que morreu moço, solteiro, e outro que se chamou Francisco Soares de Sequeira e foi seu herdeiro.

* * *

4.) *Francisco Soares de Sequeira*, filho deste Manoel Soares e neto de André Soares, instituidor do morgado, sucedeu nos bens e casa de seu pae. Foi dos lisboetas fidalgos mais ricos do seu tempo. Chamaram-lhe de alcunha *o Cotovia*, por viver na sua quinta deste nome. Nella habitava em dezembro de 1632. Em 1651, já era falecido. Casou com D. Maria da Silveira, filha do contador-mór D. Antonio de Almeida o *cão-morto*, e de sua mulher D. Catharina Salema. A filha do contador-mór deu-lhe cinco filhos, a saber: Manoel Soares, que renunciou a herança da primogenitura e se fez frade dominicano; Frei Antonio Soares, carmelita; D. Catharina da Silveira, freira em Santa Clara; D. Guiomar, que morreu solteira; e *D. Mariana* que herdou toda a grande casa de seus avós e veio a casar com D. Francisco de Faro, 7.º conde de Odemira.

Assim entrou na casa dos Faros, o opulento morgado dos Soares.

* * *

5.) Desse casamento nasceu uma filha unica, *D. Maria de Faro* que duas vezes casou com grandes senhores dos principaes do reino, a quem a fazenda da rica herdeira tentou similhantemente. O primeiro marido foi D. João Forjaz Pereira Pimentel, conde da Feira e o segundo D. Nuno Alvares Pereira de Mello, duque do Cadaval.

A ambos os cubiçosos sairam errados os calculos. *D. Maria de Faro* não teve descendencia do primeiro, e do srgundo teve uma filha que faleceu com oito annos em 1669. Extinguindo-se assim este ramo o morgado passou, conforme a letra da instituição e apoz larga demanda com o duque, para *João Alvares Soares da Veiga do Avelar Taveira*, cavaleiro da Ordem de Christo, provedor da Alfandega de Lisboa e senhor de um morgado (que herdara de um seu tio Brás Soares de Lemos, Comendador de Vales na Ordem de Christo e governador de Cabo Verde), filho do capitão Jeronimo Soares de Lemos e de sua mulher D. Filipa de Sousa Taveira do Avelar, neto de Christovam Soares, (comendador de Loures, na Ordem de Christo, moço da camara de el-rei D. João 3.º, antigo soldado da India e da Africa) e de sua mulher D. Maria de Lemos, o qual Christovam Soares era irmão inteiro de André Soares, primeiro possuidor da quinta da Cotovia.

Foi deste modo que entrou novamente na varonia dos Soares o opulento morgadio.

* * *

6.) *João Alvares Soares*, morava, em 1707, na casa da Cotovia, como se infere da habilitação para o Santo Officio de que foi familiar, (1) gozando a sua opulencia juntamente com sua mulher e prima D. Maria Soares filha do secretario de estado Diogo Soares.

E' facil conjecturar que ahi tivessem nascido alguns dos seus oito filhos. Foram estes por ordem de idades e de sexos, os seguintes:

Diogo Soares da Veiga do Avelar Taveira, de que em breve vamos tratar; D. Jeronimo Soares, inquisidor da mêsa grande, encarregado de negocios em Roma e depois bispo de Elvas e de Vizeu, cidade em que faleceu, em 18 de janeiro de 1720, com 83 annos, deixando por herdeiro

(1) Processos de Familiares 7-5 de João e 2-56 de Diogo — Torre do Tombo.

seu sobrinho João Pedro Soares de Noronha; Lourenço Taveira; Manoel Soares, falecido solteiro; D. Luisa Maria de Sousa, mulher de Francisco de Albuquerque, sem geração; D. Mariana e D. Isabel de Sousa, que parece terem falecido solteiras.

(Continúa.)

G. DE MATOS SEQUEIRA.

A LINGUA

De como pela lingua se obtem fortuna e gloria

Dizia-se outr'ora que a lingua era a arma da mulher, que pela lingua morre o peixe, e ainda outras velharias impertinentes a proposito d'este importante orgão phonetico.

Mudaram porém os tempos; a lingua occupa hoje um logar proeminente na moderna sociedade, porque por ella o homem alcança riqueza, honras e chega ás mais altas dignidades da republica.

Quem tem boa loquella, volubilidade de lingua, e se exprime com certa facilidade, embora sem propriedade, tenha a certeza que se não occupa uma posição boa, é porque não quer.

Falava-se antigamente com respeitosa admiração da boa cabeça do Marquez de Pombal, e de outros homens de verdadeiro talento; hoje porém despreza-se a cabeça: lingua, lingua voluvel, elastica, ousada, é o que se quer, e prova pelo seguinte mui veridico facto, que vamos narrar.

José Maria, por alcunha o *Grulha*, era um pobre official de funileiro, rapaz esperto, folgasão, e que falava pelos cotevellos, e d'ahi lhe provinha a bem acertada alcunha.

José Maria era cabo de policia na sua freguezia e socio do Monte-pio de ...... onde tomava parte activa nas disputadas sessões da assembléa geral; e aqui a facundia do *Grulha* foi notada pelo regedor, presidente da mesma associação, o qual o nomeou cabo-chefe. *Alea jacta fuit.* Estava o barco na agua. Por esse tempo ia proceder-se a uma eleição municipal; José Maria impellido pelo regedor, falou pelas tendas; e orou pelas tabernas, patenteando os serviços civicos, e as qualidades prestantes de um candidato, que lhe tinha dado seis libras.

Nas eleições, que se seguiram, para deputados, andava o *Grulha*, já de sobrecasaca e chapeu alto, pelas boticas, trabalhando pelo candidato que, elle dizia, era mais liberal que o seu adversario (pois, aqui muito á puridade, lhe havia dado dez libras, e promettido um emprego, se a sua eleição vingasse). O candidato *mais liberal* foi effectivamente eleito deputado, que, cumprindo a sua promessa, empregou o *Grulha* na Companhia de ......; foi depois nomeado regedor, e continuou sempre a falar pelos cotevellos.

Alguns accionistas da *maioria* da assembléa geral da Companhia, onde o *Grulha* estava empregado, querendo utilisar o talento oratorio, a *vis loquendi*, do *Grulha*, averberam-lhe nominalmente acções para ser nas assembléas geraes uma especie de *supporter* da direcção.

Na proxima reunião da assembléa geral José Maria pede a palavra, e agora o vereis, mette os pés pelas mãos, confunde alhos com bugalhos, berra, gesticula, arremessa perdigotos de envolta com desconchavos, mas falou muito, portanto falou bem, e na segunda assembléa foi eleito substituto da direcção. Por este tempo o *Grulha*, já frequentador da rua dos Capellistas, consegue, namorando o pae, casar com a filha de um rico brazileiro, que havia sympathisado com a facundia do ex-cabo de policia, ao qual a falar, segundo dizia o bom do sogro, ninguem lhe dava volta.

Visto que o *Grulha* casou rico, passou logo á effectividade de director da mesma Companhia; e por occasião de novas eleições acceitou, depois de muito rogado (são favas contadas) que os seus *amigos* lhe incluissem o nome na lista camararia. José Maria não sahiu logo camarista do primeiro jacto, mas habilmente conseguiu entrar na vaga deixada por um vereador resignatario. Por este tempo o nosso homem, que já estava no caso, obteve facilmente a commenda da Conceição.

Ora o sogro brazileiro teve cocegas um dia de que o genro fosse deputado. Distribue dois contos de réis pelos eleitores de um pequeno circulo do Alto-Minho, e José Maria, o *Grulha*, é feito representante da nação. Mas *casum mirum!* o falador cabo de policia, o verboso socio do Monte-pio, o eloquente accionista, lá, na camara dos deputados, tó carôcho, não abre o bico, não dá pio. E' porque José Maria, é grulha, mas não é tolo; sabe que os archontes do areopago portuguez não são para graças; ali fia-se do fino, e achatam-se os insignificantes e *parvenus*.

O sogro de José Maria teve ainda outra ambição, um capricho desculpavel de pae; queria que a filha fosse viscondessa. Ora que duvida! Tira da burra quatro contos de réis, e o genro é agraciado com o titulo de visconde de Albardo, que é o nome da aldeia, perto da cidade da Guarda, donde o nosso brazileiro era natural.

Correm os tempos, e o visconde de Albardo, que era já vice-presidente da camara municipal, por morte do presidente foi exercer as funcções presidenciaes. Acontece que no paço de nossos reis houve então um regosijo de familia, que se tornou festa nacional, e por causa d'esse feliz acontecimento foram distribuidas differentes graças e mercês. A camara municipal é considerada na pessoa do seu presidente, o qual é nomeado par do reino.

O *Grulha*, ex-cabo de policia *accessit* ao pariato! Ainda aqui não fica. O nosso visconde fez de um palheiro, onde o sogro nascera em Albardo, uma escola, que offereceu ao governo, com o que provou o seu amor pela instrucção do povo; e contribuiu depois com um conto de réis para as victimas das *enxurradas*, com o que mostrou tambem a sua dedicação e philantropia: emfim por estas obras meritorias e outros analogos serviços civicos, e por causa de uns cinco contos de réis, que soube habilmente repartir pelos necessitados, foi o *Grulha* elevado á grandeza d'estes reinos com o titulo de conde de Albardo, em duas vidas, porque ao tempo havia já um casto fructo do seu amor conjugal.

....

Eis pois como pela lingua se trepa *en rampant* á riqueza e á gloria!

F. S.

O MEZ METEOROLOGICO

Abril 1908

Barometro. — Max. altura 769mm,0 em 7.
» Min. » 752mm,9 em 16.
Thermometro. — Max. altura 27°,5 em 30.
» Min. » 6°,3 em 6.

A temperatura que nos quatro primeiros dias do mez se mostrou primaveril com maximos respectivamente eguaes a 23°,0; 22°0; 21°7 e 19°6, tornou se a partir de 5 até 27, baixa em relação ao normal com maximos entre 12° e 15° e minimos entre 7° e 10°. Em 24, a maxima foi de 11°,8, a maior baixa, conhecida, n'este dia, desde a fundação do observatorio. Foi talvez o mez mais frio de abril que se conhece. A partir de 27, alta thermometrica marcando as maximas em 28, 17°,3; em 29, 18°,8 e em 30, 27°,5 ou seja mais 8°,7 do que na vespera.

Chuva. — 65mm,9 em 12 dias. Em 17 a chuva foi de 22mm,5.
Vento dominante. — N.
Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 11 dias.
» Nublado 17.
» Encoberto 2.
Trovões — Em 14 e 16.
Nevoeiro — Em 28.
Graniso — Em 16.

NECROLOGIA

Henry Campbell-Bannerman

Ha meses que os telegramas principiaram a transmitir noticias sobre o estado de saude de sir Henry Campbell-Bannerman e a imprensa inglêsa se mostrava apreensivel pela vida do chefe do governo, até que chegou o desenlace final no dia 22 de abril ultimo, em que uma afeção cardiaca vitimou o grande estadista inglês, digno sucessor do velho Gladstone.

Sir Henry Campbell-Bannerman, que nasceu em Straeathro, na Escocia, a 7 de setembro de 1836, só aos 69 annos de idade chegou á presidencia do governo (1905) não obstante occupar logar na camara dos communs, desde 1868 como deputado eleito per Stirling em sucessivas legislaturas, sustentando sempre com grande brio o seu mandato, e atraindo desde logo a atenção de Gladstone, que lhe reconheceu valor e o nomeou, em 1871, secretario do tesouro do ministerio da guerra.

Mas no Reino Unido as carreiras politicas são assim, e se os deslumbramentos do poder são grandes, nem por isso as impaciencias de lá chegar são maiores, porque as responsabilidades tambem pesam enormemente ainda aos mais forçosos. A não ser William Pitt, que por circunstancias excepcionaes, foi presidente do governo aos 24 annos de idade, vêmos que Peel só chegou a primeiro ministro aos 43 annos, Derby aos 53, lord John Russel e Balfour aos 54, Salisbury aos 55 e Gladstone aos 59.

Sir Henry Campbell era filho de um negociante de Glascow que lhe deu uma educação superior destinando-o á vida politica. Quando, em 1872, lhe morreu um tio materno Henry Bannerman, o qual legou a seu sobrinho uma grande fortuna, este acrescentou o seu nome com o apelido do tio, passando a assinar-se Henry Campbell-Bannerman, distinguindo-se de seu irmão Jones Alexander, deputado conservador das universidades de Glascow e Aberdeen.

Sir Henry Campbell Bannerman acompanhou sempre Gladstone. Com elle cahiu em 1874, e de novo ocupou o mesmo logar de secretario, em 1882, d'onde passou, em 1883, para o almirantado, distinguindo-se tanto que Gladstone lhe deu o importante logar de primeiro secretario da Irlanda, quando já se projétava o celebre *Home rule bill*, de 1886.

Com o gabinete Gladstone foi ministro da guerra, em 1886, mas apenas ocupou o logar seis meses, tanto como o ministerio que cahiu. Em 1892, porém, voltou com o mesmo governo a gerir aquella pasta até 1894, em que veio outra situação presidida por lord Rosebery. Entretanto a sua gerencia valeu-lhe as simpatias do exercito, apesar de não ser um grande reformador, o que não importou para arcar com a grande dificuldade de reformar o decrepito duque de Cambridge, tio da rainha Vitoria, do logar de generalissimo do exercito inglês.

Sir Henry, como todo o puro inglês, era dotado de grande fleugma, inalteravel e sempre do melhor humor até nas mais acesas pugnas parlamentares, nas quaes sem ser um orador eloquente e antes sobrio, tinha não obstante sempre um dito, uma frase engraçada para desconcertar os seus contendores. A sua imperturbabilidade fazia com que os irlandêses lhe chamassem *The Scotch Sandbog*, o que quer dizer: saco de areia escocês onde as balas resvalam.

No meio disto os seus inimigos faziam lhe inteira justiça como caracter honrado e bondoso, sempre ao lado dos pobres e dos humildes.

A elle lhe deveu a classe operaria a reducção a 8 horas de trabalho no arsenal de Woolwich e nas principaes oficinas do ministerio da guerra. Trabalhou para o cooperativismo daquellas classes, e encaminhou em proveito dellas a actividade potente, mas desorientada, do Partido do Trabalho.

Assim ganhou grande partido no povo, embora nem sempre agradasse aos lords e ricos.

Em 1899 sucedeu na camara dos communs a sir William Harcourt como *leader* da oposição. Harcourt, porém, continuou a ocupar a sua cadeira, e um dia levantou-se para falar contra o governo, mas sir Henry acudio immediatamente afirmando a sua autoridade e obrigou o velho Harcourt a sentar-se porque o *leader* era elle para falar.

Foi um dos maiores oposissionistas a lord Rosebery por causa da guerra do Transwaal, de que data o seu notavel discurso no jantar da *National Reform Union*, que provocou a replica de lord Rosebery, seguido de um duélo oratorio, em que este ultimo ficou vencido.

Entretanto por influencia dos grandes liberaes imperialistas Asquith e Edward Grey, os dois grupos do partido liberal uniram-se, conservando comtudo lord Rosebery a sua independencia, a ponto de, em 1905, quando sir Henry Campbell-Bannerman assumio a presidencia do governo, declarar que não se alistava sob aquella bandeira emquanto ella inscrevesse as palavras *Home rule*.

Esta intransigencia de lord Rosebery não alterou, porém, o proposito de sir Henry, que para mais o afirmar lhe acrescentou ainda a celebre formula *Salvação da Irlanda*, como o havia declarado em Stirling na vespera de subir á presidencia, sem se importar cahir no desagrado de alguns, mas nunca mentir aos seus principios.

Se perdeu força, ganhou em compensação o grande respeito publico pela pureza do seu caracter.

Foi grande partidario da paz geral e propoz á conferencia de Haya o desarmamento dos exercitos, não sendo atendido.

Sir Henry Campbell Bannerman

Com este seu desejo, não descurou comtudo o armamento da Inglaterra, que deixa mais prospera e mais tranquilla, do que a encontrou quando subiu á presidencia do governo.

José Antonio Ochôa

Faleceu na sua quinta do Freixo, em S. Martinho do Bispo, suburbios de Coimba, o sr. José Antonio Ochôa, um dos mais antigos e distintos professores de agricultura, com larga experiencia do ensino pratico que exercia ha cerca de trinta annos.

O sr. Ochôa pertencia a uma ilustre familia de Alfandega da Fé, donde era natural, contando cerca de 50 annos. Vitimou-o uma lesão cardiaca, que ha pouco se agravara e repentinamente o fez sucumbir no dia 5 do corrente.

Como professor de agricultura foi dos mais antigos da Escola da Granja de Cintra, e que dirigio a sua mudança para S. Martinho do Bispo, em 1887, quando Emigdio Navarro, então ministro das Obras Publicas, ordenou esta transferencia e lhe deu a denominação de Escola Nacional de Agricultura.

Nesta escola exerceu com grande proficiencia o logar de sub-inspétor, desempenhando algumas veses o de dirétor.

A Escola Nacional de Agricultura, deve-lhe importantes serviços na organisação dos seus estudos praticos, e não vae longe ainda a exposição de alfaias agricolas dos mais modernos sistemas mecanicos, que sob a sua diréção ali se realisou, em 1904, a qual demonstrou os grandes progressos do ensino agricola ministrado aos alumnos desta escola.

O sabio professor tinha pela sua escola verdadeira dedicação, o que lhe valia a alta estima de seus colegas, alumnos e trabalhadores do grande estabelecimento de ensino pratico, lamentando todos profundamente a sua morte, como uma perda dificil de reparar, não só pelas qualidades do professor, como as do homem, cujos primores de caracter o faziam estimado.

Em sua modestia se recolhia quanto possivel, e ainda ha bem pouco disso deu prova, quando soube de uma manifestação de simpatia que os

José Antonio Ochôa

alumnos lhe preparavam, depois da insubordinação que ali houve em fins de março, evitando que essa manifestação se realisasse, principiando por não comparecer á aula.

Como recompensa do seu zeloso trabalho, bastava-lhe a consciencia do cumprimento de seus deveres, o que em verdade é a maior de todas as recompensas.